

# **IMAGENS DA PROSTITUIÇÃO FEMININA**

**MARIA JOHANNA SCHOUTEN**

**COLÓQUIO MULHERES DE VIDA, MULHERES COM VIDA:  
PROSTITUIÇÃO FEMININA - ESTADO E POLÍTICAS,**

**UNIVERSIDADE DO MINHO, 20 DE OUTUBRO DE 2005**

## Imagens da prostituição feminina<sup>1</sup>

Vasto é o leque de representações relativas à mulher prostituta. Van Mens (1992: 91) enumera as seguintes: pecadora; adúltera; sedutora; pessoa imoral; criminosa; toxicodependente; perturbadora da ordem; desestabilizadora da sociedade; fonte de infecção; mulher neurótica ou psicótica; pessoa desviante; ninfómana; mulher frígida; lésbica; objecto (de prazer); mulher oprimida; vítima. Digno de nota é que nenhuma destas representações é positiva e que as mesmas se encaixam ou no tipo de mulher má, ou no de vítima. Em clara minoria encontra-se a imagem de uma mulher com uma profissão ou um trabalho, e todavia será um tipo de trabalho não “normal” e muito menos “ideal”.

As representações são produto da sociedade e, por sua vez, têm influência no comportamento dos actores. Estas interrelações, de grande significado no caso da prostituição feminina, serão exploradas neste texto.

### TRABALHO SEXUAL E ESTIGMA

À palavra prostituição, que no sentido estrito indica “a prestação de serviços sexuais por uma compensação material, com um parceiro indiscriminado” (Bossenbroek e Kompagnie 1998: 8), são associadas várias conotações negativas. Como afirma justamente Reanda (1991: 203): “Few words carry the same amount of contempt and loathing as «whore» and its equivalente in any language.” “Prostituta” e os seus múltiplos sinónimos são designações viperinas para uma mulher, enquanto que para um homem “son of a bitch” ou “filho da puta” -aludindo à alegada actividade da sua mãe- é um insulto comum e grave.

Prostituir-se, para as mulheres, pode referir a um comportamento ou estilo de vida que ultrapassa os parâmetros do que é aceitável na sua sociedade, no campo sexual em primeiro lugar, mas não necessariamente. Um homem numa vila da Andaluzia salientou a inclinação das mulheres para o mal: “Todas las mujers son putas ... todas” (Brandes 1981: 227). É essa suposta propensão, potencialmente desprestigiante para os parentes e o marido, que obrigaria os homens a controlar as mulheres. Visto que

---

<sup>1</sup> Texto elaborado no contexto do Projeto *Prostituição feminina em áreas de fronteira*, financiado pela FCT (SAPIENS/99 POCTI/36472/soc).

“prostituta” é o termo para uma mulher que não obedece, ou não parece obedecer, a algumas das normas impostas pelo sistema patriarcal, este termo também rotula, às vezes, aquelas que têm algum tipo de autonomia. Foi o destino, na Argentina em finais do século XIX, das telefonistas e das empregadas domésticas (Juliano 2002: 22-23) e das operárias fabris em Nápoles (Goddard 1987) e noutras zonas na Europa - sendo todas elas mulheres que por motivos económicos ou por gosto trabalhavam fora de casa, em vez de desempenharem apenas o papel de doméstica, o esperado no seu meio. Mulheres que conquistaram um pouco de liberdade, fora do controlo dos homens, tinham e têm que pagar por isso com uma qualificação que implica uma grave transgressão. Na Índia, o termo *randiranda* - “aquela que já foi prostituta” - é aplicado às viúvas da casta bramãna, aludindo a um presumido mau comportamento na vida anterior, pelo qual foram castigados com a morte do seu marido. A denominação de *randiranda* agrava a ostracização a que as viúvas indianas por regra estão sujeitas (Firth 1997: 148).

Muito pesa o facto de a prostituição, no seu significado original, implicar uma transacção material relativamente à sexualidade, um campo cuja comodificação não é bem aceite. Appadurai (1988) e Bloch e Perry (1989) têm delineado o peso que os valores de cada sociedade e grupo assumem na sua definição de produtos passíveis de se tornarem mercadoria despida de significados, sendo a sexualidade um dos mais problemáticos. Georg Simmel indicou já, em *Philosophie des Geldes* (1900), os efeitos negativos que o dinheiro, na sua opinião, podia ter na moralidade. Transacções monetárias davam mais liberdade às pessoas, mas, por outro lado, envolviam uma despersonalização das relações, situação que Simmel considerava inaceitável no âmbito das relações entre homens e mulheres, e em especial no que à sexualidade diz respeito. Seria o “ponto baixo da dignidade humana, se uma mulher confere o seu mais íntimo e o seu mais pessoal... por uma retribuição tão completamente impessoal, apenas superficial e como se de uma coisa se tratasse”<sup>2</sup>.

O mal-estar provocado por um pagamento por serviços sexuais foi ilustrado pelos depoimentos das *comfort women*, as mulheres (coreanas, indonésias e de outras nacionalidades) detidas pelo exército japonês na Segunda Guerra Mundial, que foram forçadas a prestar serviços sexuais aos militares. Cada “cliente” dava um tiquete à mulher, como prova de autorização, transmitindo assim a impressão falsa de pagamento. Quando algumas das mulheres sobreviventes, depois de quase meio século, ousaram revelar o seu suplício, verificou-se que a sua intensa vergonha era provocada não só por um sentido de “culpa”, que erradamente é vivido por muitas mulheres vítimas de violência sexual. Também pesou muito a ideia de terem sido, aparentemente,

---

<sup>2</sup>Simmel 1900: 394-395; tradução minha.

prostitutas, uma ideia baseada no costume da entrega, pelos militares, do tiquete na altura da “visita”<sup>3</sup>.

Trabalho sexual é muitas vezes considerada como uma mercantilização não-legítima de trabalho. Uma rejeição da mercantilização de atividades humanas não se limita ao trabalho sexual. Por exemplo, Adam Smith assemelhou a actuação de cantores de ópera à prostituição, referindo-se ao uso público que faziam do seu corpo (Nussbaum 1999: 276-278). Na Grécia Antiga os homens livres eram censurados se trabalhassem por um salário, o mesmo acontecendo mais tarde com a aristocracia, na Inglaterra. Vestígios dessa ideia permaneceram no desporto moderno, por exemplo no rãguebi britânico, quando nos finais do século XIX alguns jogadores, de meios menos privilegiados, pretendiam receber uma remuneração. Os filhos das classes altas (que não necessitavam do vencimento) achavam isso uma degeneração do seu desporto, e invocaram neste âmbito o termo “prostituição”. Esta discordância sobre a comodificação da actividade desportiva - com opiniões influenciadas pela classe social de pertença - resultou numa cisão entre a Rugby League e a Rugby Union (Dunning e Sheard 1979).

Menosprezo e marginalização têm inspirado a atitude da sociedade em geral em relação a mulheres com um trabalho relacionado com a sexualidade, e esta atitude foi e é em muitos Estados corroborada e reforçada pelo sistema judicial. O estigma associado à prostituição está largamente baseado na norma que dita que contactos sexuais apenas têm um lugar numa relação estável, de preferência no matrimónio. As trabalhadoras sexuais são vistas, geralmente, como uma ameaça a essa instituição, e a sua desclassificação é ainda agravada pelas noções negativas acerca da sexualidade feminina.

Erving Goffman (1963) tem indicado as maneiras de lidar com o estigma, sendo uma delas o disfarçar da condição (*discreditable stigma*), se isso for possível. Muitos portadores duma característica estigmatizante estão super-alertos e pró-activos perante as esperadas reacções dos outros e adaptam o seu comportamento do dia-a-dia. A “deterioração” da sua identidade (*spoiled identity*) manifesta-se numa actuação defensiva e uma redução da auto-estima. Quanto à prostituição, as mulheres que trabalham nesta actividade referem por regra a estigmatização como um dos aspectos mais desagradáveis da sua profissão e ao mesmo tempo como justificação dos seus vencimentos, caso estes sejam elevados. É de referir que o “estigma” afecta, embora de forma mais ligeira, igualmente outras pessoas que têm uma relação com as prostitutas. O *barman*, o taxista, o médico ou o assistente social estão expostos a esse “contágio identitário” (*stigma contamination*). Também para os cientistas (sociais) não são os estudos sobre a prostituição que trazem o maior prestígio. Um caso conhecido é aquele

---

<sup>3</sup> Tanaka 2002: 174. Sobre práticas semelhantes entre os nazis, ver Schäfer 2002: 69-75.

de Promilla Kapur, reputada socióloga e feminista indiana, que nos anos 1970 efectuou um estudo em profundidade sobre as *call girls* de Bombaim<sup>4</sup>. Kapur foi alvo de difamação e o seu livro confiscado pela justiça, para só anos mais tarde ser aceite como preciosa análise científica (Bourdier in Blanc *et al.* 2000: 101).

De modo a limitar as consequências negativas, tanto em termos de estigma como em termos legais, as trabalhadoras do sexo declaram, por regra, que exercem uma outra profissão. Quando não escondem a profissão, não chamam a sua actividade de “prostituição” *tout court*, optando por uma terminologia camuflante, como por exemplo *night work*. Mas há mulheres que não se sujeitam a uma provável estigmatização e entre elas há que fazem questão de serem chamadas de “puta” (*whore*) ou “prostituta” (*prostitute*) numa acção deliberada de provocar a perplexidade da sociedade “normal”. Outras mulheres preferem o termo trabalhadora sexual (*sex worker*), indicando assim que o que fazem é, efetivamente, trabalho. A referência explícita à sexualidade pretende também confrontar os outros com a realidade e pôr fim a hipocrisias.

#### ULTRAPASSANDO O ESTIGMA

Na África ocidental encontram-se as auto-declaradas *femmes libres*, as mulheres que afirmam com orgulho que é graças ao seu trabalho no sector do sexo mercantil que não estão dependentes de ninguém. Elas têm como equivalentes as *free women* da África oriental (Nelson 1987). Grande parte das prostitutas africanas consideram-se como empreendedoras e como tal dizem aceitar os riscos inerentes à sua actividade, entre esses o de doenças sexualmente transmissíveis. Um discurso semelhante têm as prostitutas das Caraíbas entrevistadas por Paul (1997). É triste e preocupante que essas mulheres tenham poucas possibilidades de redução dos riscos, devido à atitude dos clientes. Estes, por regra, recusam o uso do preservativo e a rejeição dum cliente nem sempre é uma opção para a trabalhadora. É certo que para estas mulheres a prostituição, enquanto ocupação lucrativa e autónoma, oferece *empowerment*, mas só até um certo ponto. A actividade decorre num sistema patriarcal, que proporciona à mulher uma margem de negociação reduzida. É uma actividade potencialmente letal, mas, segundo Paul (1995), as mulheres mantêm a esperança de sobreviver (Rushing 1995).

Numa outra zona do mundo, a Tailândia, a prostituição pode também trazer uma

---

<sup>4</sup> *The life and world of call girls in India: A socio-psychological study of the aristocratic prostitute*. New Delhi: Vikas Printing House (1978).

melhoria da posição da mulher na sociedade, mas neste caso não se trata tanto da conquista da sua autonomia pessoal, mas da concretização das expectativas existentes na sua família. No norte do país, a prostituição é uma opção que deve ser respeitada, no caso de filhas de famílias com recursos reduzidos. Com o dinheiro que ganham, as jovens têm a possibilidade de honrar e ajudar os seus pais, um imperativo no budismo teravada. Assim, as *night workers* (“trabalhadoras da noite”) dão rendimentos e estatuto à sua família, que têm orgulho na casa de pedra, construída com os fundos fornecidos pela(s) filha(s). Elas também contribuem para o prestígio e mérito (uma noção fundamental no budismo) da aldeia, aumentando o número de *vats* (templos) e colaborando para uma decoração abundante (Rigg 1997: 133-134; Steinfatt 2002: 93). As filhas prostitutas ganham respeito pelas suas boas acções, mas mesmo assim a sua ocupação é raramente explicitada: diz-se que as meninas foram “para o sul”, o que quer dizer Banguécoque e as estâncias turísticas de Puket e Pattani (Rigg 1997: 134).

A defesa dos direitos das mulheres na Tailândia tornou-se num caso paradigmático no debate no ocidente sobre a dignidade da mulher prostituta. Nos anos 80 do século passado, grupos de feministas protestaram vigorosamente contra a organização de *tours* para homens a esse “paraíso do erotismo”. A reacção das trabalhadoras sexuais tailandesas, em vez do esperado agradecimento, era de indignação pela imagem apresentada delas como vítimas inertes. Chamavam também a atenção para o facto de os seus familiares dependerem financeiramente delas. Esta postura das tailandesas foi motivo para que as activistas em questão passassem a olhar para a prostituição de forma mais subtil e menos paternalista (Altink 1995: 131). O que não invalida o facto de que os antecedentes das trabalhadoras sexuais na Tailândia e países comparáveis serem, em geral, de miséria, sobretudo de desolação socio-económica.

## A PROSTITUTA - QUEM É?

“A” prostituta não existe. Como diz Pheterson (2000: 41): “Os estudos sobre casos flagrantes ... revelam-nos algo sobre as reclusas, toxicodependentes, pacientes e jovens que fugiram de casa (quem sabe talvez também sobre o papel do comércio sexual nas suas vidas), mas não nos proporcionam um perfil sobre «a prostituta»”. O que as reúne é o objectivo de ganhar dinheiro, mas de resto, o universo de prostitutas é bastante diverso. Em Portugal, uma grande diferença existe entre, por um lado, as *escort girls* e as *call girls*, e por outro lado, as prostitutas de rua, muitas vezes toxicodependentes. Existe a prostituição “abrigada” (nos “clubs”), as mulheres que trabalham como independentes,

outras que se associam a um proxeneta, e ainda, o pior, vítimas de tráfico humano ou presas em esquemas de prostituição forçada.

Contudo, na história tem sido pertinente a curiosidade em encontrar as características comuns às “prostitutas”, distinguindo-as das outras mulheres. Por isso, será de interesse recuar no tempo, contemplando as representações de mulheres e a sua categorização - nos aspectos físico, mental e comportamental. No mundo ocidental, até à época das Luzes e do empiricismo não era reconhecida uma distinção essencial entre o corpo masculino e o feminino. A mulher era um homem imperfeito, ou seja, homem e mulher eram o direito e o avesso (Laqueur 1992; Joaquim 1997: 117; Birke 2001). Só nos finais do século XVIII, as diferenças anatómicas foram reconhecidas e bem descritas, como elemento da rotura paradigmática que levou a uma distinção entre homens e mulheres como opostos em todos os sentidos. Entre esses o da sexualidade: antes era a libido das mulheres que era considerado excessivo, mas no século XIX “o desejo feminino foi banido do universo teórico da *scientia sexualis*” (Honegger 1989: 187). Tornou-se discurso oficial que as mulheres da classe média por natureza careciam de interesse em sexualidade e que os homens deviam protegê-las contra os prováveis assédios à sua honra, uma ameaça omnipresente. Esta ideia era uma justificação implícita para a tendência no século XIX de “empurrar” as mulheres da *bourgeoisie* emergente para o seu lar, afastando-as dos prováveis assédios dos elementos de classes inferiores e das perturbações da ordem pública. Desenvolveu-se o protótipo da família nuclear, gerida pela mulher - dona de casa. Mas essas transformações também inspiravam os movimentos e acções da classe média combatendo os problemas considerados como inerentes ao proletariado. Associações contra o alcoolismo e contra a prostituição, nas quais mulheres das classes abastadas tinham um papel fundamental, foram fundadas por motivos de caridade mas também de ocupação de tempo e de auto-protecção (De Swaan 1979).

A representação construída da mulher como ser frágil e sexualmente apático aplicava-se apenas às mulheres das classes médias e altas. À partida, as mulheres do proletariado e aquelas pertencentes a povos não-ocidentais não estavam incluídas nessas considerações. Também a prostituta era vista como essencialmente diferente das mulheres “normais” ou “honradas”, e até pior do que uma ladra (Corbin citado em Bastos 1997: 229).

No espírito da segunda metade do século XIX, com o desenvolvimento e a popularidade crescente de terrenos científicos como a fisiologia, a antropologia e a psicologia, a especificidade das prostitutas e as características que as uniam foram procuradas em marcadoras fisiológicas. A prostituta não evidenciava o comportamento indicado para mulheres, e esse desvio, segundo vários cientistas, devia ter a sua origem

numa biologia também não completamente feminina - ou seja, ela devia apresentar traços masculinos. O público tinha grande curiosidade acerca deste fenómeno e são de registar as muitas reedições do livro de Pierre Dufour<sup>5</sup> sobre a história da prostituição, que viu a sua tradução para o português em 1885. No célebre livro de Herrmann Heinrich Ploss, *Das Weib in der Natur- und Völkerkunde* (“A Mulher na História Natural e na Etnologia”), com a primeira edição em 1884, um capítulo foi dedicado à «Antropologia das Prostitutas», como se fosse uma tribo especial<sup>6</sup>. A antropologia (e o seu ramo posteriormente desacreditado de frenologia, o estudo do crânio como determinante de características mentais) interessava-se pelos seres humanos diferentes do padrão, e por isso, para além dos povos exóticos, os pobres, os criminosos e as prostitutas da sociedade ocidental foram objectos de estudo privilegiados.

A tese de doutoramento de Francisco Ferraz de Macedo, um dos primeiros antropólogos em Portugal e cuja carreira seria marcada pelas pesquisas em criminologia e osteologia, incidia sobre a prostituição<sup>7</sup>. Em Portugal, a prostituição feminina foi objecto de estudo desde os anos 40 do século XIX, especialmente em Lisboa mas também no Porto<sup>8</sup>.

Seguindo a ideia lamarckiana que estipulava a transmissão de características adquiridas aos descendentes, múltiplos médicos tinham a convicção de que essas mulheres eram já predestinadas desde a sua concepção, se os pais tivessem problemas como alcoolismo, tuberculose ou sífilis<sup>9</sup>. Diz o médico Tovar de Lemos, responsável do Dispensário de Higiene Social de Lisboa: “Os productos de seres degenerados offerecem types de degradação progressiva, podendo esta progressão atingir limites taes que a humanidade não se encontre preservada senão pelo proprio excesso do mal.” (Lemos 1908: 67.)

Investigações aparentemente científicas vieram a confirmar a hipótese de que as prostitutas pertenciam a uma categoria especial: traços como fisionomia viril, disfunções reprodutoras e práticas homossexuais foram procurados e encontrados<sup>10</sup>. Tovar de Lemos, que aplicou técnicas antropométricas às mulheres internadas na

---

<sup>5</sup> (Pseudónimo de Paul Lacroix). *Histoire de la prostitution chez tous les peuples du monde, depuis l'antiquité la plus reculee jusqu'a nos jours*. Publicado pela primeira vez (em seis volumes) em Paris entre 1851 e 1853.

<sup>6</sup> Este livro gozou de grande popularidade e inúmeras re-edições, sem dúvida por causa do tema: a biologia da mulher, nomeadamente das mulheres exóticas, e as suas numerosas figuras de mulheres nuas ou semi-nuas..

<sup>7</sup> Tese em Medicina, defendida no Rio de Janeiro em 1872, publicada em 1873 com o título *Da prostituição em geral e em particular em relação à cidade do Rio de Janeiro*. Santos 2005: 93).

<sup>8</sup> Entre outros, Francisco Santos Cruz (1984 [1841]); Francisco Pereira de Azevedo (1864, sobre o Porto); João Fernandes Bragança (1875).

<sup>9</sup> Egas Moniz, *A vida sexual* (5ª edição [1922], citado por Bastos 1997: 231). Segundo Tovar de Lemos (1908: 28) “as filhas das classes pobres, em geral, nascem taradas. De paes alcoólicos, syphiliticos e tuberculosos ...”.

<sup>10</sup> De Vries 1997: 190, 224, 225, 252; Bosschenbroek e Kompagnie 1998: 215-221; Lemos 1908: 65-66. Bastos (1997: 223-225) apresenta uma antologia das qualificações atribuídas por cientistas “à” prostituta portuguesa nos séculos XIX e XX. Ver também Machado Pais 1983.

enfermaria de Santa Maria Madalena no Hospital do Desterro, apresentou longas listas de “estigmas” encontrados, não no sentido social mas fisiológico. O “estigma de degenerescência” incluía “malares salientes, asimetria facial, tatuagens, lobulo da orelha enorme, dentes separados, physionimia viril” e “estigmas degenerativas funcionaes”, ou seja, práticas lésbicas (Lemos 1908: 65-68).

Era um eco da abordagem do antropólogo italiano Cesare Lombroso, que vislumbrava na prostituta *la donna delinquente*<sup>11</sup> em analogia com os homens criminosos. A *insania moralis*<sup>12</sup> revelava-se sob a forma de alcoolismo, vaidade, ociosidade, oligofrenia e tendências históricas (De Vries 1997: 89-90). Em Portugal, a dissertação de A.A. Mendes Correia sobre a criminalidade atribuía à prostituta “degenerescência, nevroses, psychoses, especialmente a loucura moral, a hysteria e a debilidade mental...” (1913: 73).

A ideia de que o indivíduo era “programado” desde a nascença ou concepção ganhava fôlego na segunda metade do século XIX. Ainda em 1846, o funcionário de polícia em Berlim, Wilhelm Stieber, identificou alguns traços corporais e patológicos comuns entre as prostitutas, mas em vez de uma predisposição inata procurou as suas causas nas exigências do trabalho. Assim, as alterações na voz foram provocadas pelo gritar e cantar, as constipações frequentes pelo andar na rua e pela inalação do fumo de tabaco dos clientes. O “cheiro horrível” era explicado através da presumida decomposição dos órgãos internos como efeito da actividade profissional, causa também do desenvolvimento de líquidos corporais nocivos, afectando os dentes. Por fim, as patologias da pele, dos cabelos e do couro cabeludo seriam o efeito dos frequentes tratamentos de beleza (in Bergmann 1984: 78-81).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

As trabalhadoras sexuais, na sua grande heterogeneidade, não constituem uma categoria de mulheres à parte. Ultrapassados os estereótipos inspirados ou reforçados pela ciência do século XIX, ainda estão por superar os estereótipos inculcados por

---

<sup>11</sup> Título do livro que Lombroso redigiu em co-autoria com o seu genro Guglielmo Ferrero, publicado em 1893. Lombroso defendeu que muitos dos criminosos eram vestígios (“survivals”) de fases anteriores da evolução humana, sendo que características fisiológicas primitivas indicavam o criminoso-nato. Mas também homens “normais” podiam desenvolver-se em criminosos. Ver também Gibson 1998.

<sup>13</sup> “Loucura moral”. O raciocínio foi formulado pelo médico holandês Snoeck Henkemans de seguinte forma: uma prostituta mostra tão pouco respeito pela honra feminina, nas sociedades civilizadas cristãs, que existe razão suficiente para ter dúvidas sobre as capacidades mentais. (De Vries 1997: 89-90.)

sentimentos de moral ou de compaixão injustificada. Trabalhar neste sector é, geralmente, uma opção racional e as mulheres em questão não devem ser perspectivadas como objectos mas como agentes que, por vários motivos, têm de ganhar dinheiro. Que a prostituição é a “mais velha profissão do mundo” é duvidosa, mas pior é o facto de esta asserção, recorrentemente usada e abusada, não corresponder às representações na sociedade, onde a prostituição dificilmente é reconhecida como sendo uma profissão, uma forma legítima para ganhar a vida. Os abusos e a criminalidade que decerto existem no meio prostitucional devem ser reconhecidos e combatidos. Mas também devem ser retiradas a aura de ilegalidade e a condenação moral que marcam o trabalho sexual.

## BIBLIOGRAFIA

- 
- Adler, Laure (1993) *A vida nos bordéis de França, 1830-1930*. Lisboa: Terramar.
- Altink, Sietske (1995) *Handel in hartstocht. Het prostitutiebedrijf in Nederland*. Zutphen: De Walburg Pers.
- Appadurai, Arjun (org.) (1988) *The Social Life of Things. Commodities in Cultural Perspective*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Bastos, Susana Pereira (1997) *O Estado Novo e os seus vadios. Contribuição para o estudo das identidades marginais e da sua repressão*. Lisboa: Dom Quixote.
- Bergmann, Klaus (org.) (1984) *Schwarze reportagen. Aus dem Leben der untersten Schichten vor 1914: Huren, Vagabunden, Lumpen*. Reibek: Rowolt.
- Birke, Lynda (2001) "In pursuit of difference. Scientific studies of women and men", in: Muriel Lederman e Ingrid Bartsch (orgs.), *The gender and science reader*, pp. 309-322. London: Routledge. [1992.]
- Blanc, Marie-Ève, Laurence Husson e Évelyne Micollier (orgs.) (2000) *Sociétés Asiatiques face au Sida*. Paris: L'Harmattan.
- Bloch, Maurice e Jonathan Perry (orgs.) (1989) *Money and the morality of exchange*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Bossenbroek, Martin e Jan H. Kompagnie (1998) *Het mysterie van de verdwenen bordelen. Prostitutie in Nederland in de negentiende eeuw*. Amsterdam: Bert Bakker.
- Brandes, Stanley (1981) "Like wounded stags: male sexual ideology in an Andalusian town", in: Shelly B. Ortner e H. Whitehead (orgs.), *Sexual meanings; the cultural construction of power and sexuality*, pp. 216-239. Cambridge: Cambridge University Press.
- Corrêa, A. A. Mendes (1913) *Os criminosos portugueses. Estudos de Anthropologia Criminal*. Porto: Impressora Portuguesa.
- Cruz, Francisco Santos (1984) *Da prostituição na cidade de Lisboa*. Lisboa: Dom Quixote [1841.]
- De Swaan, Abram (1979) "Uitgaansbeperking en uitgaansangst. Over de verschuiving van bevelshuishouding naar onderhandelingshuishouding", *De Gids* 142-8: 483-509.
- De Vries, Petra (1997) *Kuisheid voor mannen, vrijheid voor vrouwen. De reglementering en bestrijding van prostitutie in Nederland, 1850-1911*. Hilversum: Verloren.
- Duerr, Hans Peter (1988) *Nacktheit und Scham. Der Mythos vom Zivilisationsprozess*. Band 1. Frankfurt am Main: Suhrkamp.
- Duerr, Hans Peter (1990) *Intimität. Der Mythos vom Zivilisationsprozess*. Band 2. Frankfurt am Main: Suhrkamp.
- Dunning, Eric e K. Sheard (1979) *Barbarians, Gentlemen and Players. A sociological study of the development of rugby football*. New York: New York University Press.
- Firth, Shirley (1997) *Dying, death and bereavement in a British Hindu Community*. N.p.: Peeters.
- Gibson, Mary (1998) "Biology or environment? Race and Southern "deviancy" in the writings of Italina criminologists, 1880-1920", in: Jane Schneider (org.) *Italy's "Southern Question"*. *Orientalism in one country*, pp. 99-115. Berg.
- Goffman, Erving (1963) *Stigma: Notes on the management of spoiled identity*. New Jersey: Prentice-Hall.
- Honegger, Claudia (1989) "Frauen und medizinische Deutungsmacht im 19. Jahrhundert", in: Labisch, Alfons e Reinhard Spree (orgs.), *Medizin. Deutungsmacht im sozialen Wandel*, pp. 181-194. Bonn: Psychiatrie Verlag.
- Joaquim, Teresa (1997) *Menina e moça. A construção social da feminilidade, século*

XVII-XIX. Lisboa: Fim do Século.

Juliano, Dolores (2002) *La prostitución: el espejo oscuro*. Barcelona: Icaria Editorial.

Laqueur, Thomas (1990) *Making Sex: Body and Gender from the Greeks to Freud*. Cambridge, MA: Harvard University Press.

Lemos (Júnior), Alfredo Tovar de (1908) *A Prostituição: Estudo anthropologico da prostituta portugueza*. Lisboa: Centro Typographico Colonial.

Nelson, Nici (1987) “«Selling her kiosk»: Kikuyu notions of sexuality and sex for sale in Mathare Valley, Kenya”, in: Pat Caplan (org.), *The cultural construction of sexuality*, pp 217-239. London: Routledge.

Nussbaum, Martha C. (1999) *Sex and social justice*. Oxford: Oxford University Press.

Pais, José Machado (1983) “A prostituição na Lisboa boémia dos inícios do século XX”, *Análise Social* 19: 939-960.

Papanek, H. e L. Schwede (1988) “Women are good with money”, in: D. Dwyer e J. Bruce (orgs.), *A home divided*, pp. 71-98. Stanford, CA: Stanford University Press.

Parent-Duchâtelet, A.J. B. (1857) *De la prostitution dans la ville de Paris*. 3<sup>e</sup> édition. Paris: Bailliere.

Paul, Amy Raquel (1997) “*It isn't love, it's business*”. *Prostitution as entrepreneurship and the implications for Barbados*. Ann Arbor: University Microfilms International. [Tese de Doutorado, University of California, Los Angeles.]

Pheterson, Gail (2000) *El prisma de la prostitución*. Madrid: Talasa Ediciones.

Ploss, H. H. (1899) *Das Weib in der Natur- und Völkerkunde. Anthropologische Studien von Dr H. Ploss*. (6<sup>a</sup> edição). Leipzig: Grieben. [1884].

Reanda, Laura (1991) “Prostitution as a Human Rights Question: problem and prospects of United Nations Action”, *Human Rights Quarterly* 13: 202-228.

Rigg, Jonathan (1997) *Southeast Asia. The human landscape of modernization and development*. London: Routledge.

Rushing, William A. (1995) *Aids epidemic. Social dimensions of an infectious disease*. Boulder, CO: Westview Press.

Santos, Gonçalo Duro dos (2005) *A Escola de Antropologia de Coimbra, 1885-1950. O que significa seguir uma regra científica?* Lisboa: ICS.

Schäfer, Silke (2002) *Zum Selbstverständnis von Frauen im Konzentrationslager*. [Tese de Doutorado, Technische Universität Berlin.]

Simmel, Georg (1900) *Philosophie des Geldes*. Berlin: Duncker & Humblot Verlag. [disponível em <http://socio.ch/sim/pdg51.htm>.]

Steinfatt, Thomas M. (2002) *Working at the bar. Sex work and health communication in Thailand*. Westport, CT: Ablex.

Stieber, Wilhelm (1984 [1846]) “Die Körper der Lustdirnen”, in: *Die Prostitution in Berlin und ihre Opfer. Nach amtlichen Quellen und Erfahrungen. In historischer, sittlicher, medizinischer und polizeilicher Beziehung beleuchtet. Berlin 1846*, pp. 109-114. In Bergmann, Klaus (org.), *Schwarze reportagen. Aus dem Leben der untersten Schichten vor 1914: Huren, Vagabunden, Lumpen*. Pp 78-81. Reibek: Rowolt.

Tanaka, Yuki (2002) *Japan's comfort women. Sexual slavery and prostitution during World War II and the US Occupation*. London: Routledge.

Van Mens, Lucie (1992) *Prostitutie in bedrijf. Organisatie, management en arbeidsverhoudingen in seksclubs en privéhuizen*. Delft: Eburon.